

# Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

## Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura<sup>1</sup>

Elizabeth Abreu Caldeira Brito<sup>2</sup>, Maria de Fátima Gonçalves Lima<sup>3</sup>

Quando recebemos o convite para apresentar esta palestra no “Goiânia Art Déco Festival”, sobre “Um painel *Art Déco* na literatura goianiense na década de 1930 e 1940 e a influência da poética da cidade na literatura brasileira”, aceitamos um desafio, uma vez que a fortuna crítica desse estudo é escassa. No entanto, essa reflexão é muito importante para o desenho da Literatura do Centro-Oeste do Brasil.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no *Goiânia Art Déco Festival*, realizado em Goiânia no ano de 2018.

<sup>2</sup> É Mestre em Letras e Críticas Literárias pela PUC- GO, Professora e Psicóloga pós-graduada, Sócia Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (onde é 3ª vice-presidente). Acadêmica da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (onde é 1ª vice-presidente) e da Academia de Letras do Brasil. É “*Doctor Honoris Causa*” pela República del Perú e Universidad Peruana de Ciências e Informática. É autora de 16 obras, (6 orgs). Foi articulista semanal do jornal *Diário da Manhã* por 3 anos. Manteve a página *Oficina Poética*, de 2012 a 2019. Foi Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia. É ex-conselheira do Conselho Municipal de Cultura de Goiânia. Recebeu o Título de *Liderança Destaque de 2019* da PUC-Goiás, o *Diploma de Destaque Cultural do Ano-2009*, do Governo de Goiás; a *Medalha Regina Lacerda* - Folclore, da UBE-GO, 2009 e o *Troféu Buriti* - 2017, da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia.

<sup>3</sup> Professora Doutora coordenadora e orientadora no Mestrado em Letras e Críticas Literárias da PUC-Goiás. Advogada e Doutora em Letras (Área de Teoria da Literatura) pela UNESPE campus - São José do Rio Preto (2004), Realizou Pós-doutorado na PUC/ Rio (2009) e também é Pós-doutora pela PUC SP (2014). É docente e Coordenadora do PPGLETRAS - Programa- Mestrado em Letras PUC/Goiás. Atua especialmente em temáticas referentes a estudos sobre a linguagem do texto poético, poéticas do imaginário, ecocrítica, ecopoesia, ecoficção, Escritas contemporâneas, arte e performance. É autora de 10 obras de ensaios críticos e 23 de obras da literatura Infanto-juvenil. É Membro da Academia Goiana de Letras (AGL), titular da Cadeira nº 5.

Para tanto, começaremos nossa reflexão a partir do esboço sobre o conceito de “*Art Déco*”, com um mini painel histórico da construção de Goiânia.

*Art Déco*, abreviação do francês “*arts décoratifs*”, (arte decorativa) é uma tendência ornamental inspirada pelas ideias da modernidade que entusiasmavam os anos 1920 e foi arrebatada pelo Futurismo, Construtivismo e Cubismo com seus preceitos a respeito da geometrização, que proclamavam o uso do cubismo multifacetado, com suas *performances visuais* em *três D*, ou do movimento e liquidez em linhas circulares e o apego pelas linhas verticais estilizadas, que buscavam uma transcendência. O *Design* abstrato assinalava a recusa da lógica. A arte não deveria ser explicada ou pautada em ideais, pregava: “Nada de explicações” e um conceito de arte que dizia não à invenção, e exaltava a criação tirando a existência a partir do nada.

Na década de 1920, *Art Déco* aparece como expressão dos anseios artísticos e culturais da burguesia, por isso exprimia um estilo luxuoso que empregava matérias refinadas como jade e marfim. Em 1925, teve seu auge em Paris, com a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas. Além de ser um estilo decorativo, também estava presente na moda, arquitetura, imobiliário, design industrial. Chegou aos Estados Unidos e outros países do mundo na década de 1930 e invadiu a vida cotidiana da época.

Atílio Corrêa Lima, urbanista responsável pelo projeto da criação de Goiânia, havia concluído seus estudos na França, quando, em 1935, chegou em Goiás influenciado por essa tendência artística. Com a premissa de trazer a modernidade para a região, fez o desenho da cidade elegendo o *art déco* como estilo arquitetônico, assim podia atender o projeto nacional que buscava modernizar o sertão e inseri-lo nas premissas da Marcha para o Oeste, uma vez que a transfiguração do espaço sertanejo, tanto na visão romântica, quanto na realista, estava subjugada pelo mundo de desacertos e desumanidades.

Segundo a dissertação de mestrado, defendida em 2006, por Tattiussa Costa Martins, denominado — *Somos sertanejos? E por que não?! Goiânia para além do art déco*, “Goiânia foi fundada na década de 1930, em meio a consolidação desse novo poder, carregando o estandarte das aspirações dos revolucionários”. A Nova Capital tinha como missão representar o triunfo da Revolução, simbolizando concomitantemente a derrota das forças e das referências anteriores, assinalados pelo coronelismo e pela predominância de características provincianas em meio a práticas modernas, cujo representante máximo era a Cidade de Goiás, antiga capital do Estado. Em Goiás, a mudança da capital significou a tentativa de aniquilar com o coronelismo, que ditava as regras no Estado, sendo, portanto, uma

estratégia política para permitir a estabilização do poder concentrado nas mãos do interventor federal, Pedro Ludovico Teixeira.

De acordo com Tatiussa Costa Martins, o *art déco*

é eleito como elemento de estabilidade, de coesão social, legítima dor das propostas políticas que justificaram e permitiram a construção de Goiânia e trazia por trás de si, a missão de evidenciar a chegada do progresso e da modernidade ao território goiano, proporcionado e impulsionado pelo Estado Novo, na figura de Vargas, e pela construção de Goiânia no governo de Pedro Ludovico.

A autora do estudo expõe ainda em sua pesquisa que a Rua 20 tinha a função de transparecer a modernidade por meio das “construções modernas” e disposição das casas, mas também deveria ser modelo de comportamento, de cultura e que as casas:

apresentam um sincretismo de tendências arquitetônicas, algumas combinando vários estilos em uma única fachada, não havendo neste logradouro, exemplares que apresentem na fachada o estilo art déco “desacompanhado”. Das dez casas construídas pelo Estado restaram a residência temporária de Pedro Ludovico, na época interventor federal, e a casa do Prof.<sup>o</sup> Colemar Natal e Silva, membro da comissão responsável por escolher o local onde seria edificada a capital e primeiro reitor da Universidade Federal de Goiás. O restante, inclusive o “Palacinho” sede temporária do governo, cedeu lugar a prédios e estacionamentos.

Na literatura goianiense, a fundação de Goiânia em julho de 1942, marca um período que reflete o passo evolutivo, com avanços culturais e intelectuais em Goiás: a publicação de “Oeste”, um dos órgãos de orientação política do Estado e o começo da instalação verdadeira do Modernismo em Goiás, que culmina com a fundação da Academia Goiana de Letras em 1939.

A arte literária brasileira, nesta época, transfigurava que o “Sertão é o sozinho.” “Sertão: é dentro da gente.” “O sertão é sem lugar.” “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera.”, como expressiu a personagem Riobaldo, de *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa. O termo sertão, com o escritor mineiro, segundo Gilberto Mendonça Teles, adquire as mais ousadas concepções, de metafísica e de linguagem: “O sertão está em toda parte”, “sertão é onde anda quem é forte”, “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”, “O sertão é do tamanho do mundo”, “O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?” “O sertão não tem janelas nem portas” e ainda:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do urvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fecho; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. (1956, p. 8)

A literatura de Goiás traduzia o sertão, por meio da obra *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, onde se fala dos “sertões ainda por violar”.

Gilberto Mendonça Teles em seu artigo “O lu(g)ar dos sertões” (p. 71), publicado na revista *O verbo de Minas*, [https://www.cesjf.br/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/Numero%2016/06\\_GILBERTO\\_\\_VM\\_1\\_2010.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/06_GILBERTO__VM_1_2010.pdf), explica que:

A palavra sertão tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o “incerto”, o “desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado — na “civilização”. É uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador. Ela provém de um tipo de linguagem em que o símbolo comandava a significação (re)produzindo-a de cima para baixo, verticalmente, sem levar em conta a linguagem do outro, do que estava sendo colonizado. Refletia na América o ponto de vista do europeu — era o seu dito (ou seu ditado), enquanto nas florestas, nos descampados, nas regiões tidas por inóspitas, de vegetação difícil, se ia criando a subversão de um não-dito nativista e sertanista. (Juiz de Fora, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009)

Em 1944, Bernardo Élis, com seu primeiro livro *Ermos Gerais*, tornou-se um ícone da Literatura de Goiás. Depois escreveu o romance *O Tronco*, em 1956, o livro de contos *Caminhos e descaminhos*, em 1965. Seu livro *Veranico de Janeiro* de 1966 teve repercussão nacional, com prêmio Jabuti. O Neo-regionalismo de Bernardo Élis denunciava das barbáries do sertão goiano. Carmo Bernardes, principalmente nos romances *Jurubatuba* (1972), *Nunila*, 1984 e *Santa Rita* (1993) traçou, também, o cenário do interior de Goiás.

A literatura produzida em Goiás continuava expressar a alma dita sertaneja. Eli Brasiliense com, *Pium: nos garimpos de Goiás* (1949) delineia tempo e espaço do atual município de Pium, hoje localizado no Estado do Tocantins. Nesse romance, Pium é um lugarejo igual a tantos outros da região, que, na época, eram palcos da chegada de muitos migrantes e vivenciavam o *frenesi* de uma incipiente urbanização em um mundo que, até então, era pautado no rural e tradicional. O romance descreve o cotidiano do mundo garimpeiro.

Em 1956, Eli Brasiliense lança o romance urbano que versa sobre a criação de Goiânia, intitulado *Chão Vermelho*, no qual faz o retrato da experiência urbana de indivíduos que vão para a cidade em busca da realização de seus anseios, mas que, nem sempre, conseguem alcançá-los. Nesse romance o escritor faz um traçado dessa influência da modernidade na cidade.

Dentre os autores que estão inseridos na temática urbana, o romancista, contista, cronista e poeta, Ursulino Leão se avulta. Das obras, destacamos os romances: *Maya* (1949), *A Procissão do Silêncio*

(1990) *Judith* (1998); Contos: *Existência de Marina* (1962), *Fonte Expressa* (1975), *Rodovia Preferencial* (1981). *Idílio na Serra da Figura* (2015). Crônicas: *Livro de Ana* (1972), *Segundo Livro de Ana*, (1980), *Vaga-lumes da neblina* (2005), *Terceiro Livro de Ana* (2013); Poesia: *Salmos da Terra*, (1985). *Estiagem* (2009). Ensaios: *Roteiro dos Sentimentos da Cidade de Goiás* (2003). As obras retratam o humano inserido nas ansiedades e nos amores da cidade.

Em 1960, um grupo de escritores montou o GEN: Grupo de Escritores Novos. Conforme Moema de Castro e Silva Olival em seu livro *Gen – um sopro de renovação em Goiás* – editora Kelps, 2000. “O GEN promoveu não exatamente uma nova estética, mas um centro de estudos em que escritores podiam se aperfeiçoar enquanto tais. Promoveu também concursos e eventos, além de ter sido responsável por introduzir algumas das vanguardas vigentes em solo goiano, em especial a Práxis e fez com que o Goiá pela primeira vez, se pusesse em sincronia com o que estava sendo feito lá fora”.

Miguel Jorge, como um dos fundadores GEN, constrói uma obra marcada por uma “linguagem tridimensional” para usarmos a classificação feita pela crítica literária Moema de Castro e Silva Olival, em seu artigo publicado na <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/viewFile/7185/5083>. Nesse artigo, a crítica literária analisa a contemporaneidade do autor do livro de poemas “Frutos do Rio (1974).

Miguel Jorge traduz o *Art Déco* não necessariamente como tema, mas como forma de expressar a modernidade cubista, futurista e surrealista. Assim, o artista da palavra não se serve necessariamente da paisagem como assunto, ou mote, mas forma artística, como literatura moderna, e mais que moderna ainda, contemporânea para traduzir a absurdez da vida, a fragmentação do ser do homem inserido no mundo de aparências, a liquidez do mundo.

Mostra a modernidade líquida, vida, tempo, medo, líquidos; as vidas despedaçadas pelo absurdo inserido no ser do homem que nos leva aos estudos do filósofo Zygmunt Bauman quando apresenta em sua obra crítica e filosófica, extratos dos efeitos da estrutura social e econômica contemporânea que vive baseado no que é descartável e efêmero. Esse modo de vida traduz a instabilidade, quer seja no amor, nos relacionamentos profissionais e afetivos, na segurança pessoal e coletiva, no consumo material e espiritual, no conforto humano e no próprio sentido da existência.

No poema “Os passos da cidade” o romancista, contista, teatrólogo e poeta, Miguel Jorge, assim descreveu Goiânia:

“01: A cidade é um hábito, feito o acordar das luzes,

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

abre-se e fecha-se em ruídos colhidos da boca das noites.

Ah! O disforme mundo flutuante da pressa de viver!

Lembro-me de alguma infância, não a minha, talvez, que

nunca existiu. Mas a dos meninos que corriam

pelos campos a descamparem nascentes, a jurar que viram

peixes voadores a voarem por aí, em perdição de infinita beleza.

02: Não, não havia tédio. Havia, sim, o movimento lento

do tempo, maior em certos dias, como se cantasse

canto mudo do qual ninguém mais se lembra.

O frescor da chuva a subir pelos ares, igual às palavras,

Igual às horas atiradas pelas janelas por onde começam as manhãs.

Então, como se nós, nós mesmos acendêssemos o sol,

podia-se olhar o mundo de perto e ver as mínimas revelações

da natureza em festa.

03: Perde-se a cidade em pecados imortais.

Também se tem dias alegres, poucos, como se sabe,

Mas, se tem. Alguns postiços, outros saídos da alma.

Ri-se menos agora. Não há motivo para tantas risadas.

Mata-se mais. Dorme-se menos. Enlouquecidos, os

relógios dão vago alento de que trabalham mais.

Correm, atropelam-se os ponteiros e fingem parar

por um tempo. No entanto, correm em desespero.

04: A leveza das manhãs ilumina o mundo alegre

dos pássaros, arrasta gosto de mar pelos caminhos.

Guardam a linguagem das noites e se dizem mar,

e vai ao mar tudo o que se esconde e o mais que se saiba.

Afinal, é a luz desta manhã que me faz

ver a beleza do que é indefinido.

Então, deixe que a vida viva a vida em seus

miúdos momentos. Deixe correr a lentidão

dos dias, como se fora doce rio, sem os

ventos da tempestade, sem o despertar

do sono dos rios que dormem inocentemente

sobre as pedras, as folhas, as sombras, o verde

no amplo espaço de seus braços.”

José J. Veiga publicou seu primeiro livro *Os Cavalinhos de Platiplanto* em 1959. Sua produção foi assinalada pelo inverossímil, extraordinário, absurdo e surreal. Suas obras que exprimem a poética do surreal, que, Segundo Chenieux-Gendron (1992, p. 12), “quer-se uma filosofia, mas “de vida”, um modo de viver e de pensar”, que, recusando o mundo tal qual é, pois o “real” muitas vezes é apenas o habitual, se propõe de uma só vez “transformar o mundo” como afirma Karl Marx e “mudar a vida”, como define Rimbaud, em uma revolta ao mesmo tempo política e poética, que recusando os priori lógicos, prega a exploração dos recursos da desordem.

É comum afirmar que a influência surrealista nos textos de José J. Veiga, é mais que um estilo, é o grito de alerta para a humanidade e que seu surrealismo não é puro delírio, mas a exploração do delírio. O autor teve como forma de expressão a supra realidade, em que a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro deixam de ser percebidos como contradições. Também está presente na obra de Veiga, a performance da “Vida líquida”, refletida pelo sociólogo Zygmunt Bauman, a fluidez da existência contemporânea e a “precificação” generalizada, da vida social e a destruição criativa própria do capitalismo que suscitam uma condição humana na qual predominam o desapego, a versatilidade em meio à incerteza e a vanguarda constante do eterno recomeço.

O autor transfigura a vida dos homens entre câmeras e muros, os delírios coletivos e o anseio de liberdade, como por exemplo, em *Sombras de reis barbudos*:

De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotam assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando. (VEIGA, 2001, p.30)

Alucinação coletiva. Todo mundo pensa que está voando ou que está vendo outros voarem. Porque todo mundo deseja muito voar, quanto mais alto e mais longe melhor. (VEIGA, 2001, p. 141).

Nesse sentido, a modernidade de Veiga, desde seu primeiro, em 1959, ancorava nos suportes da filosofia do estilo da *Art déco*, num sentido mais avançado, mais moderno, já contemporâneo, que refletia sobre as várias faces da vida, do homem decolando em voos, da cidade em movimento, da máquina, da performance da incerteza do futuro, da história sem um fim determinado. A obra de José J. Veiga, também exprime a poética da cidade, quer seja Goiânia, com a sua *art déco*, quer seja a pequena Manarairama, cidade fictícia de *A hora dos ruminantes* ou a Taitara *Sombras de reis barbudos* e todas as cidades que estão envoltas num mundo de contradições, de políticas com apologias escondidas nas ações e realidades que ferem a vida dos homens, que geram situações surreais, angustiantes, e provocam a perda da liberdade.

Dentro dessa fronteira entre o real e o surreal, a vida e o absurdo do mundo está inserida na obra do romancista, poeta, contista e cronista Edival Lourenço, autor do romance *A centopeia de néon*, 1990, prêmio Nacional de Romance do Estado do Paraná, 1994, e que em 2012, recebeu os prêmios Jaburu (Goiás) pelo conjunto da obra e *Naqueles morros, depois da chuva*, Jabuti (nacional). Nesse escritor, a modernidade aparece como balise que contempla o momento atual. Melhor, sua obra é contemporânea no tempo e no espaço. Performatiza, na ação discursiva do tema, a forma e a arte da atualidade.

Seu primeiro romance, *A Centopeia de Neon*, é uma produção que transcorre num clima de intensa repressão policial em Piambaia, cidade imaginária. A obra é dividida em quatro partes – cada uma com a narração de determinada personagem. A narrativa apresenta por meio de humor sutil, uma crítica ao modelo da corrupta política do Brasil, com seus jogos de interesses para a obtenção de privilégios. O romance critica, também, a sociedade hipócrita e dissimulada. Mostra, ainda, como os humanos se tornaram descartáveis, vivendo em torno das falsas imagens que produzem de si mesmos e como são fingidos uns com os outros. A censura da obra não perdoa nem a Igreja com seus dogmas. Os textos artísticos têm suas tessituras ficcionais, mas a vida reserva tramas até mais inventivas, que foge do imaginário da arte, como sugestões e metáforas. Se a arte não diz isto ou aquilo, ela é, antes de tudo, Arte. A realidade, nessa trama, é a transmissão de uma situação absurda, alarmante e que grita um fato dolorido, surreal. Se o artista da palavra realiza um ludismo artístico marcado por alusão e faz um convite para que o leitor descubra os labirintos desse tecido, ou fique atormentado pelas palavras da esfinge de Tebas: “Decifra-me ou devoro-te”, a realidade dolorosa devora a paisagem, as vidas, a

cultura, a concepção de um povo, que deixa de pensar num mundo melhor e passa a aceitar o imponderável como algo normal, o insólito como fato natural. A arte revela uma performance do homem contemporâneo submerso na paisagem da urbe que respira os novos tempos, com suas paisagens que nasceram do espírito moderno da arte déco e caminha para novos tempos e história.

Goiânia é matéria de vários poemas de Edival Loureço, entre eles Ode a Goiânia (do livro Caligrafia das heras):

Goiânia, de paradoxos/quase impoemáveis:/a um só tempo/fluidez de gás/e tessitura de ossos/tua vulva de gerânio/teu falo de antúrio/tua boca/ – máquina de moer motivos.//Conheço teus caminhos/muito antes da contramão./Conheço teus sonhos/antecedentes ao revés/o siso, o césio o riso néscio/ante o pesadelo azul.//Tuas várzeas, teus ribeiros, teus pássaros/(agonizantes até na memória) ainda nem suspeitavam/desta tecnópole atroz/de valas, vilas, glórias vis/bombas atônitas/deuses voláteis/(ou seriam venais?)/A tua idade média/a cultivar obsessões/paixões descartáveis/heróis de refil.//Qual paralelo/entre o presente real/e o presente sonhado/de quem te engendrou/e te emergiu/das águas do sonho?//Por certo não havia/este rio esartejado/desfiado nas teias/nem esta eventual carranca/de urbe *hard* e rude/e tua agenda de colisões /a nos moer o espírito/em severo caos de cristais/– trágica flor em carne viva.//Não havia estas caras esqueléticas/que só veem nesta dor/ingredientes da lição/de que os últimos serão/irremediavelmente os últimos. [...] Goiânia, um silo de indagações/alimenta o rebanho de dúvidas/no estabular sossego dos enigmas.//Ainda assim, Goiânia,/um sutil sonho nos adere/como os líames secretos/de um istmo íntimo/a subverter os intentos/do acidente geográfico.

O poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles, (Prêmio Jabuti) tem como marca em sua poesia seu amor pela terra natal. O seu *Saciologia goiana* é um canto de amor à língua portuguesa, ao seu instrumento de trabalho e por Goiás. No poema “Campinas” em (1952) expressou que:

Olhando-te de longe, em ti descubro/a grande/artéria toda arborizada,/a recordar a data celebrada//no dia 24, mês de Outubro!/Antes que as luzes fúlgidas da glória/ilumine-te as páginas da história,/o teu belo porvir, sonhando meço://pois, tens uma alma jovem e espontânea/e segues de mãos dadas com Goiânia/pelas verdes campinas do progresso.

*Campinas, 12.9.1952*

Segundo o filósofo Gaston Bachelard, “casa é nosso canto no mundo”. Nossos artistas da palavra estão arraigados dentro da modernidade e ampliaram seus olhares para a arte contemporânea que canta o mundo líquido, assinalado pela efemeridade presente na vida cotidiana, impulsionada pela midiatização de tempo, dos valores, da própria existência humana que é dirigida pela aparência e que leva a ignorar os valores básicos do homem. Os textos dos nossos autores, traduzem a contemporaneidade que exala no calendário diário e canta sem pieguice nossa cidade, nosso canto no mundo, como exprime o poema de Itaney Campos:

A Cidade nova irrompeu como um cataclisma,

Um Painele Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura  
Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

Magnífico e furioso, sem peias ou preaviso,  
e vai se expandindo feito um redemoinho  
quebrando a linha do horizonte,  
rugindo na palidez da paisagem.  
De repente, atarantados,  
os homens se impregnaram de urgência  
e se deixaram dominar pela volúpia do automóvel.  
Muralhas envidraçadas interromperam o circuito dos pássaros  
e as manhãs despertam ao estímulo das buzinas em desespero.  
De súbito, as meninas em flor amadureceram  
e as varandas que respiravam a arte do diálogo  
transmutaram-se de amplos estacionamentos  
aonde não chegam as mudanças das estações.  
Nos templos do comércio congelou-se o tempo  
e agora tudo se adquire, inclusive a paz de espírito  
e promessa a eterna juventude.  
A cidade nova não aceita o velho.  
A cidade nova não aceita o feio.  
Ela traz uma flor midiática  
e cultiva um jardim de raízes eletrônicas.  
A cidade nova não divulga poemas  
Que não se adaptem ao sistema operacional.  
A cidade nova só fala inglês fluente  
e tem como referência estética  
um grande portal de acrílico.  
Apesar da expressão proibição oficial,  
em meio ao concreto armado  
um último jardim de mussaendas insiste em florescer.

Itaney descreve a poética contemporânea de Goiânia, que deixou para trás a modernidade como estilo, embora o Art déco esteja ainda presente nos monumentos da cidade, considerados patrimônios, registrando o passado, mas com olhos para o futuro que reflete a história da arte e da urbe como poesia, como ação e palco, fundo e mote movimento de uma modernidade refletida, no século XIX, pelo artista/pensador francês Charles Baudelaire, o poeta da modernidade. Ele filosofou sobre este termo em sua obra *Paris, capital do século XIX*, onde traçou o perfil do *flâneur* e o interior da multidão, assim como a poética da modernidade, como o ideal de belo e da observação. O tema ficou evidente no poema *A uma passante*:

A rua em torno era um frenético alarido.  
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,  
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa,  
Erguendo e sacudindo a barra do vestido;  
Pernas de estátua. Era-lhe a imagem nobre e fina.

No interior dessa multidão iremos encontrar o próprio Baudelaire, um *flâneur* especial, que, como o instantâneo de um clique fotográfico, capta os choques originários das multidões e os transmuda em inspiração.

Baudelaire foi atento a todos os rumores dos novos tempos, que chamou modernidade, e imaginou a palavra como um conceito fundamental para entendermos o anúncio das rupturas com a poética e a estética da tradição, que apontam para os novos cânones do século em que se anunciava a busca da liberdade de ideias.

Nesse sentido, a cidade moderna representaria a libertação e a afirmação do indivíduo, mas também poderia reduzir o sujeito a uma singularidade e isolamento em busca do trabalho e do dinheiro, sendo ao mesmo tempo, desigual à vista do poeta, por suas características culturais, sociais e étnicas, mas iguais, sem importância e anônimos, ou apenas um número na multidão.

Refletindo sobre a influência da poética da cidade na literatura brasileira, o poeta paulista Mário de Andrade, no início do século XX, exerceu importante papel na consolidação do movimento Modernista no Brasil. Considerado o poeta da modernidade brasileira, sentiu o processo de modernização do Brasil no final do século XIX e começo do XX. A restauração da cidade de São Paulo, com o alargamento das ruas e avenidas, que metropolizou essa cidade, tornou-se objeto do exercício poético desse escritor.

Em 1922, depois de ter participado da Semana de arte Moderna, lançou a primeira edição de *Paulicéia desvairada*. Sobre a cidade de São Paulo, publicou também outros livros de poemas, como *Lira paulistana*. A relação do poeta com a transformação de São Paulo foi tensa, como se pode ver em seus poemas, permeados pelos sentimentos de encantamento, estranhamento e desilusão:

INSPIRAÇÃO

São Paulo! comoção da minha vida...

Os meus amores são flores feitas de original...

Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e Ouro...

Luz e bruma... Forno e inverno morno...

Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...

Perfumes de Paris... Arys! /Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!

São Paulo! comoção de minha vida...

Galicismo a berrar nos desertos da América!

Os Orientalismos Convencionais são os escritores e

demais artífices elogiáveis, vale

dizer, os poetas parnasianos:

Os alicerces não devem cair mais!

Nada de subidas ou de verticais!

Amamos as chatezas horizontais!

Abatem os perobas de ramos desiguais!

Odíamos as matinadas arlequinais![...]

Alargar as ruas...

E as instituições?

Não pode! Não pode!

Maiores menores

Mas não há quem diga

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

Maiores menores quem são estes homens /que cantam do chão? [...]

Somos as Juventudes Auriverdes!

A passiflora! O espanto! A loucura! o desejo!

Cravos! mais cravos para nossa cruz! [...]

Nós somos as Juventudes Auriverdes!

As forças vivas do torrão natal,

as ignorâncias iluminadas,

os novos sóis luscofuscolares

entre os sublimes das dedicações! [...]

(queremos) Os tumultos da luz!...

As lições dos maiores! ...

E a integralização da vida no Universal!

As estradas correndo todas para o mesmo final! ...

E a pátria simples, una, intangivelmente

partindo para a celebração do Universal!

Diuturnamente cantareis e tombareis.

As rosas... As borboletas... Os orvalhos...

O todo-dia dos imolados sem razão...

Fechai vossos peitos! [...]. (ANDRADE, M. (1976), p. 100)

O poeta Oswald de Andrade foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922, evento que marcou o início do modernismo brasileiro. Ele escreveu a primeira obra modernista, o livro de poemas “Pau-Brasil” que desenha a história do Brasil e a poética de várias cidades brasileiras, entre elas São Paulo e Rio de Janeiro. Para São Paulo ele dedicou:

ROCHEDOS DE SÃO PAULO

Everest da Atlântida

Vanguarda calcinada do Brasil

Ponto geocêntrico erigido

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

Contra as escarpas das ondas

Do amazonas

Poleiro de Gago Coutinho.” (ANDRADE, O.(1990) p. 100)

NOITE NO RIO

O pão de Açúcar

É Nossa Senhora da Aparecida

Coroadas de luzes

Uma mulata passa nas Avenidas

Como uma rainha de palco

Talco/Fácil/Árvores sem emprego

Dormem de pé/Há um milhão de maxixes

Na preguiça

Quem vem do fundo da colônia

Do mar

Da beleza de Dona Guanabara

Paixões de férias

O Minas Gerais pisca o Cruzeiro. (ANDRADE, O.(1990) p. 130)

O traçado da modernidade em Goiás foi a passagem para nossa poética inclusão na moderna visão de literatura, de arquitetura e de cidade, impulsionada por uma vanguarda que saiu da Europa e veio para nossos campos gerais fazer construções arquitetônicas, decorativas e arte literária. A arte se fez nos gerais.

E a arte dos gerais foi, intensamente, produzida no cerrado goiano, onde a cor local é palco e performance de poetas e poetisas dessas terras cerratenses. A criação art déco da cidade de Goiânia é inspiração da poética e da prosa de inúmeros artífices da palavra. O escritor, historiador e folclorista Bariani Ortencio, no livro “*Crônicas*”, traça um painel multicolorido e plural da década de 1940. Suas narrativas, retratos da jovem capital, Goiânia, eram lidas na Rádio Clube de Goiânia. Narravam os eventos sociais, religiosos, esportivos e fatos pitorescos da jovem cidade e das regiões circunvizinhas.

Sobre o Lago das Rosas (pág. 42), de então, Bariani afirma que os goianos não sabem dar valor ao que tem. O autor descreve, de forma encantadora, a paisagem e o jardim-piscina “mais majestoso e empolgante do Brasil Central”. Para ele: “... Não há mais bonito nem mais adequado lugar para distração do espírito e gozo saudável que o Lago das Rosas...”. Bariani alfineta:

Aqui, em Goiânia, as pessoas são diferentes: conhecem as praias de mil e duzentos, dois mil quilômetros de distância, onde está misturas toda a classe de gente e desconhecem aquele lençol de águas azuis, que ainda oferecem mais vantagens do que as salgadas, por serem doces e estão a menos de um quilômetro. E é raro o domingo ou feriado que vamos ao ‘Lago’ e não damos com um turista batendo chapas fotográficas do pitoresco e esquecido recanto, de bela piscina em forma do mapa do Estado de Goiás e cercada por artístico jardim e caramanchões bordados, em todas as cores, com flores regionais.

O Mestre Bariani finaliza ironizando. Afirma que se um goianiense, fora do Estado, vir uma fotografia do local certamente perguntará: “Que lugar maravilhoso é esse! Onde fica, hein?”

Na crônica “O nosso jardim zoológico” (pág. 43) o artista da palavra descreve a cidade, daqueles idos de 1949. Discorre sobre a chegada ao local. Informa que “o ônibus passa a duzentos metros dali e nada é mais interessante que fazer esse percurso a pé.” E continua: “uma vereda vai até a mata artificial. As mais belas flores são cultivadas e em quantidade abundante. E quem nos dera um dia de acharmos perdidos numa floresta cujas árvores são roseiras comuns e das mais raras, ou lírios que representam a paz das flores, ou, ainda, dalvas gigantescas que dão vida aos canteiros.” E como é de sua verve humorística, Bariani finaliza ironizando: “...Receio dos animais não pode ser, pois estão presos. E juro que lá no Jardim Zoológico estaremos mais seguros, pois andam tantas onças soltas por aqui fora...”

A crônica “A terra das bicicletas” (pág. 53), datada de 10 de julho de 1949, inicia-se com a afirmação: “Goiânia é a terra das bicicletas.” E justifica: “devido o nivelamento da cidade este veículo tornou-se o predileto de todos.” E continua sua descrição sobre o uso da bicicleta como o meio de transporte preferido da bela cidade de Goiânia de então. Afirma que: “nas paradas cívicas contamos centenas de estudantes-ciclistas desfilando.” E continua: “E quando cai a tarde sombria, nada é mais gostoso e apazível que passear pelas largas e limpas avenidas da cidade.” O autor poeticamente discorre da liberdade que se sente ao pedalar pela alamedas e ruas da cidade de outrora: “E como andorinhas nos céus das velhas cidades, as bicicletas se encardumam e deslizam-se pelas ruas e praças.” Continua: “São riscos luminosos de pequenos faróis que cortam o escuro das ruas mal iluminadas.” O autor discorre, ainda, da importância do meio de transporte para o trabalho. Afirma que durante o dia “pequenos veículos” são utilizados para a entrega de mercadorias, pelos garotos. O autor afirma que todos os profissionais se utilizam da bicicleta como meio de transporte. Desde o chefe de família, com

todos os componentes (mãe, pai e dois ou mais filhos em uma bicicleta), as enfermeiras (com aparelhos de injeções), os policiais, estudantes, operários (com todas as ferramentas), padres e médicos socorrendo alguém. O cronista discorre, ainda, sobre os números das “chapas” das bicicletas. Afirma que são altos “relativamente à população”, e que “as bicicletas aqui pagam impostos.”

A poética da cidade recém-criada: Goiânia influenciou, também, um dos ícones da literatura em Goiás. O precursor do modernismo, em nosso estado, Leo Lynce cantando sua aldeia (lembrando Leon Tolstói) se tornou universal. Em “Cidade-poema”, datado de 1948, do livro: *“Leo Lynce poesia quase completa”*, (pág. 281) o eu lírico percorre lírica, bucólica e ironicamente a cidade adolescente - Goiânia:

CIDADE-POEMA

O sol acorda no Botafogo  
e, tomando nos braços a cidade adolescente,  
morde-lhe a carne morena o dia todo;  
depois, reza as ave-marias em Campinas  
e vai dormir como um santo  
no Convento dos Redentoristas.

Ruas de desenhos imprevistos.  
Complicações de praças e parques e palácios.  
Uma avenida que sobe para o céu.  
Outra avenida que vai morrer no mato  
e mais outras sem princípio nem fim.

Arranha-céus de olhos quadrados  
espiando a intimidade das casas alpendradas,  
florindo entre jardins.  
Goiânia sobre rodas de velozes automóveis,  
de bicicletas e motocicletas  
- características das cidades planas.

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

Povaréu de estudantes e operários,

de garotas cinematográficas

e apressados homens de negócios.

Mulheres olhando vitrines,

poetas olhando as árvores,

mendigos olhando a vida.

Terra encantada das manhãs cheirosas

e dos crepúsculos de ouro, cinza e rosas.

Cidade vívida cujo sono é breve,

porque a noite é breve

e tudo é madrugada.

No abandono das poucas horas mortas,

os buritizeiros arrogantes

montam-lhe guarda às portas,

enquanto nos horizontes longínquos

das bandas do Paranaíba e do Araguaia

ficam de atalaia

os píncaros dos montes.

Goiânia – gema engasgada

num diadema verdejante

a realçar a frente do Brasil.

Capital-menina

-poema que goiá soube escrever,

com alma de artista e pulso de gigante,

no coração as América Latina.

A cidade de Goiânia está presente nas páginas, de reminiscências, do livro: “Memórias da Campininha”, do escritor Horieste Gomes, 2000. Em os “Tipos de rua” (pág. 79), o autor discorre sobre personagens que habitam suas memórias de lembranças da infância vivida na década de 1940, no bairro de Campinas, local de moradia do, então, menino Horieste Gomes. O narrador se lembra dos personagens que perambulavam pelas ruas da antiga cidade Campinas, que, abrigando a nova capital do Estado: Goiânia tornou-se um bairro da recém-inaugurada-cidade.

Os personagens de rua, cada um com suas características e personalidades destoantes, marcaram o tempo, a memória e o cotidiano dos moradores de Campinas. O cronista da cidade inicia descrevendo as atitudes de João-Cego. O personagem apresentava-se com um tapa olho preto. Usava uma touca na cabeça, um saco nas costas e uma “corneta presa à alça de tira rente ao sovaco”. De bom humor, apoiado em uma bengala, filosofava e rimava frases com as palavras a ele dirigidas.

O Boca-Larga era o protetor e o protegido das meretrizes. De força incomum “a própria polícia, que o molestava em razão dos seus pequenos furtos, parecia temê-lo”, afirma o autor. O “Burro-Preto, sempre elegante, vestido de terno e sapatos brancos, gravata vermelha e lenço a tiracolo no paletó, tinha a mania da oratória; proferia discursos ao vento, preferencialmente na porta do Grande Hotel e no Café Central”. Havia, ainda, o Carrapicho que se apresentava sujo e maltrapilho. Com um porrete nas mãos era potencialmente perigoso e imprevisível. Ameaçava a todos por qualquer motivo. O literato registra, ainda, a figura da Maria Papudinha que pedia café de porta em porta, com um bule nas mãos. Quando as crianças a chamavam pelo apelido, ela os agredia com pedradas e palavrões. Havia, também, o Aristides que falava palavras desconexas e sem sentidos pelas ruas. Diziam que o impacto da guerra influenciou suas atitudes, por ter sido expedicionário da FEB. O escritor conclui que estes tipos de rua estampavam, em suas faces, os dramas de suas existências, por vezes, encobertos numa aparente felicidade.

No livro “Eu te vejo Goiânia! (roteiro sentimental)”, 2007, o escritor cronista, historiador, ensaísta e poeta José Mendonça Teles, registra com a tessitura lírica e imagética, um mosaico de nossa goianidade. Nele estão as memórias, os ícones, os logradouros, as paisagens, os pioneiros, os gestos, as ruas, os templos, as praças e itens contidos no painel Memória Goianiense. O projeto, idealizado por ele, foi elaborado e coordenado pela escritora Elizabeth Caldeira Brito. Executado, na técnica de azulejaria portuguesa, pelos artistas visuais Patrícia Lobo e Henrique Manuel é um mural, eminentemente cultural, de seis metros de altura, instalado no frontispício do Instituto Histórico e

Geográfico de Goiás, na Praça Cívica de Goiânia. O livro, assim como a pintura, é um retrato perene, afetuoso, histórico e cultural da capital do Estado de Goiás.

O estímulo imagético de José Mendonça Teles, para a construção do livro, são fotografias da época da construção da jovem capital Goiânia. O escritor descreve, de forma lírica, temática e poética, as avenidas, ruas, praças e personagens que contribuíram para a construção e instalação da nova capital do Estado de Goiás. No poema “Asfaltamento da Avenida Goiás” (pág. 11) o eu lírico diz:

“Eu te vejo, Goiânia, quando abro a janela de minha sensibilidade e sinto a sensação de que o tempo, preso na tessitura de meus dedos, caminha comigo e me faz protagonista de tua história.”

No coração do cerrado

o asfalto estica

a Praça Cívica.

O ícone “Coreto da Praça Cívica” (pág.16) tornou-se título de um poema. Nele o poeta dá vida as memórias adolescentes:

“Eu te vejo, Goiânia, quando jogo minha infância pelas ruas do antigamente e encontro a namoradinha carregada de ternura.

Coreto da Praça Cívica

cama de desocupados

tipos de rua/estatelados na lua.”

Outra influência da performance da cidade, na publicação de JMT, refere-se ao prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, um dos primeiros edifícios construídos na Praça Cívica. Solicitado o seu tombamento os pareceristas não consideraram que sua arquitetura seja em estilo art déco. A ele o poeta escreveu (pág. 24): “Eu te vejo, Goiânia, quando levo no embornal de minhas recordações a infância carregada de poesias e ouço o lamento do Instituto Histórico:”

Meu estilo é art déco

eles teimam em dizer não!

Sou pioneiro de Goiânia,

veja minha certidão.

Nas linhas de meu corpo

encontra toda a razão.

Meu estilo é art-déco

eles teimam em dizer não.

Vale ressaltar, por ser oportuno, que quando eu (Elizabeth) atuava como Presidente e Conselheira, do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia, protocolei o processo de nº 70.405.053 de 17/05/2014, solicitando o tombamento da sede original, anexo e entorno do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, na tentativa de reverter a injustiça a que se refere o escritor José Mendonça Teles, que presidiu a Instituição por mais de uma década.

O progresso das cidades, plantadas no cerrado goiano, invadiu o habitat dos bichos e das matas nativas. Onde os campos verdejavam a vida originária do cerrado foram plantadas, casas, prédios, gentes e desmatamentos. No livro “Poemas do entardecer” de José Mendonça Teles (pág. 36) no texto poético: “Memória do Cerrado”, o eu lírico lamenta a ausência dos frutos do cerrado que cederam lugar para o plantio de cidades no cerrado tornando-o “encerado, encerrado e ponto final”. Eis o poema:

Cadê o pequi  
que tava aqui?  
Cadê a gabiobinha  
do campo?  
Cadê a mangaba,  
o gravatá?  
Cadê o araticum  
a mamacadela,/a pitanga,  
a marmelada de cachorro  
acagaita/bacupari/Guapeva  
ingá/veludo/curriola/murici  
araçá/cajuzinho  
Cerrado/encerado/encerrado  
e ponto final.

No ano em que a cidade de Goiânia completou 80 anos, em 2013, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás viabilizou a publicação da antologia “Goiânia 80 anos de poesia”, organizada

pelos escritores, membros do IHGG, Ubirajara Galli e Elizabeth Caldeira Brito. Nela há a participação de 80 escritores (contemporâneos e in memoriam), cujas produções poéticas cantam, louvam, enaltecem ou criticam a bela e jovem metrópole, capital do Estado de Goiás.

A publicação homenageia, além da cidade de Goiânia, a escritora Rosarita Fleury (1913-2013) pelo centenário de seu nascimento. No “Poema a Goiânia”, (1942, p. 9), de sua autoria, o eu lírico é o anfitrião que recebe um “visitante amigo”. À ele, a poetisa, descreve as maravilhas da jovem capital do Estado: as belezas da natureza que a envolve; a paz e a harmonia em seu o dia a dia; os afazeres da população e o desenvolvimento vertiginoso e contrastante da jovem Goiânia:

...e Goiânia, a cidade que ainda ontem era menina,  
nua e formosa, soberba de altivez,  
se ergue do chão:  
qual moderna Phryneia,  
Goiânia vai ser julgada aos olhos da Nação.  
Há em todas as ruas um vai-vem sem parar.  
Abrem-se as casas  
e delas vem a vida em suas ruas brincar.  
Há grupos de crianças alegres, joviais,  
meninos, moças, rapazes alguns falando demais,  
outros sisudos, outros pensativos,  
todos em uniformes,  
todos levando livros, muitos livros...

A autora finaliza seu “Poema a Goiânia” com um convite ao “viajante amigo”, cuja cidade foi-lhe apresentada e com um desejo premonitório de que “tenhamos conosco a Capital da Nação”. Eis seu canto:

...E você, viajante amigo, que veio de tão longe  
e fez a grande marcha para o Oeste, não quererá voltar.  
Há de ficar conosco tão feliz e à vontade como em sua casa  
porque aqui ninguém se sente estrangeiro.  
Goiânia quer bem a todos e sabe fazer, de cada homem,

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

um bom e honesto brasileiro.  
Sei que você ficará e sonhará o sonho  
que todos guardamos no coração:  
Dia virá, talvez mais longe do que supomos,  
nossa Goiânia será tal sol irradiando vida e calor  
aos pontos mais longínquos do sertão.  
Dia virá em que tenhamos conosco a Capital da Nação.

A Professora e crítica literária Moema de Castro e Silva Olival, escreveu o poema intitulado “Cantata de Amor”, no qual manifesta:

Da antiga Capital  
Trazer a alma e desejo de novos dias.  
Laivos de Cultura em ebulição  
E Goiânia se veste de novas cores.

- “Se poesia é erótica verbal,  
como erotismo  
é poesia corporal”,  
Yêda canta o vermelho radiante  
Dos flamboyants mensageiros  
De nova vida, e novas aspirações.

Leo Lynce, Afonso Félix, Hugo, Bernardo, Eli  
Poetizaram o chão vermelho e os pioneiros  
Da promissora capital. E Goiânia nasce,  
Sob o signo da Cultura e do amor,  
Consagrados na pia batismal  
Do seu progresso inaugural.

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

Cidade radiosa em seu projetos

Atilio Correia e Armando Godoy

Traçaram o seu destino:

Vida de um novo tempo.

Goiânia ontem, Goiânia hoje,

Impacto de contrastes inusitados

Impressos nas páginas de um novo tempo:

Tempos modernos versus herança histórica, tradicional.

Como o grito do amanhã, ressoam problemas novos...

Superlota-se a nova capital.

Universidades, colégios, música, teatro, justiça

Saúde, transporte, e comunicação

Exigindo reorganizações e sustentabilidade.

É juventude lutando pelo dia de amanhã.

E o progresso, a vida, determinam os novos horizontes.

- Jovem de oitenta anos, lute pelo futuro.

p. 77

Na referida antologia em homenagem à Goiânia consta, ainda, a verve lírica e performática do poeta Aidenor Aires, que revela seu pertencimento e a confiança na entrega dos filhos à cidade que o abrigou. No poema “Goiânia, a cidade que me acolheu” (pág. 16), o eu poético canta:

Aqui é a cidade que me acolheu.

Entre o bosque do Botafogo e o rio Meia Ponte

vi a terra, as matas e as águas em parição.

A infância feérica dos edifícios,

alcatrão das ruas

procissões anônimas.

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura  
Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

[...]

Eleito, Goiânia, me suspeito possível.  
Entreabertas janelas no instantâneo dos jardins.  
Viajo em amados e dessangrados cardumes.  
Pertencido.  
No chão onde enterro meus mortos.  
Na urbe onde confio os meus filhos.

Para o escritor Antônio César Caldas Pinheiro, na mesma publicação (pág. 23), Goiânia é farol telúrico no coração do Brasil:

...Goiânia surge, sempre de novo, qual a Fênix do mito.  
Renova-se qual  
hierático rito, celebrando sua história, epopeia e pujança,  
Na luta constante em prol de Goiás.  
Goiânia é farol telúrico de litúrgico esplendor no coração do Brasil,  
É o porto seguro que o coração almeja  
E com carinho lhe deseja um futuro de paz.

No poema “Saudades em tom maior” de Augusta Faro Fleury de Melo a matéria poética evidencia sua preocupação com as atrocidades possíveis, advindas do “bicho-homem”. Ela Adverte:

...Cuidado! O bicho-homem é congelado inox.  
Pode destruir tudo, com seu coração de aço,  
poluir a face indefesa dos rios e árvores,  
arrancar a paz de todos corações.

Brasigóis Felício, na mesma antologia, inspira-se no episódio do trágico acidente radioativo que se abateu Goiânia há trinta anos, para compor “A dança do cézio” (pág. 29). Nele o poeta que habita Felício alfineta e ironiza:

...Agora temos, para nosso gozo e usufruto,

mortes mais civilizadas.

Mata-nos agora

já não o César Augusto

com seus discursos o louco Hitler,

com os seus gases

ou o frio Stálin,

com os seus dogmas.

Somos agora, vítimas

do Césio-137...

No poema “Goiânia” (pág. 43) de Elizabeth Caldeira Brito, a matéria poética dá voz ao ideal de Pedro Ludovico e à metrópole que se transformou a jovem capital:

Pedro por mim se apaixonou

sonhou o sonho sonhado.

Planejou-me capital moderna,

pulsando o coração no cerrado.[...]

Aos oitenta, balzaquiana

cuidando presente e futuro.

Nem me dei por tamanha mudança!

- Onde perdi minha infância?

- Em que espaço ficou meu ar puro?

Geraldo Coelho Vaz canta a cidade. No poema “20” do referido livro (pág. 52) aborda a visão da cidade por Pedro Ludovico quando avistou a planície onde seria construída Goiânia, do alto do Morro.

Falo do médico

que em seu cavalo

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

estaca, para.

No alto do morro, pensa.

Cavalga a cidade

em sonho futuro.

Da janela dos olhos

povoa a metrópole imaginada:

- Goiânia.

O artista da palavra, escritor Getúlio Targino suplica (pág.54):

...E só te peço, Goiânia:

Sê, agora e eternamente,

O fruto e a semente,

O abrigo maior de tanta gente.

A cidade travestida de fêmea exuberante é tema para a escritora Lêda Selma poetizar. Para a lírica selmaniana, sob o título, “Goiânia morena” (pág.67) a octogenária cidade apresenta-se:

...de lascivas formas,

cabelos de flamboaiã,

dos bem-te-vis, beija-flores,

das praças, parques, jardins,

morena de olhos dourados,

balzaquiana-menina,

que ao esposar Goiás

se fez terra-mulher.

O escritor Luiz Augusto Paranhos Sampaio, também, cantou sua cidade “Goiânia” (pág. 69). Seu canto lamenta a poluição dos rios, a violência das ruas, as pichações de muros, as demolições das construções históricas, pelos “carrascos urbanos ávidos de ganho”. O clamor lírica soluça pelos

cemitérios povoados de túmulos

com mortes violentas

e descontroladas....

A urbe goianidade e seu acelerado desenvolvimento se faz presente na poética de Maria Helena Chein. Em “Goiânia, meu amor” (pág.72) a poetisa derrama seu afeto pela cidade que lhe foi berço:

Seu crescer era meu nascer.

A cidade se tangia de água e verde

no espantado janeiro de trovões e mangas.

riaturas se aconchegavam nas labutas

e deixavam para a tarde conversas de alpendre.

[...]

Seu agora é meu entardecer.

[...]

Em surpresas me desnorteio

pela paisagem de aço, terror e fome.

Em amores me descubro

pela paisagem de árvores, pássaros e homens.

A poetisa Sônia Maria Santos (1945-2020) no poema sob o nome da cidade (pág. 89) canta seu encantamento pelo tempo que se esvai...

Há muito tempo venho,

desde menina no seu compasso.

Saudades das ruas calmas,

das suas praças

de quando as invadia e as abraçava,

à toa, e tão facilmente...

A arquiteta e escritora Narcisa Cordeiro, no poema “Goiânia 1958” (pág. 78), deixa florescer todo amor pela cidade que a viu nascer. O eu lírico declama que só se afasta para que a cidade caiba em seus olhos, e que mesmo morta estará com a cidade:

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

...Acordas com cantos de passarinhos  
E os flamboyants cobres-te suavemente  
E suavemente, dormes teu sono  
Quando de ti me afasto às vezes  
Para que possas caber em meus olhos  
Vejo uma moça formosa e gigante  
Orgulham-se de ti  
Mas, eu te amo  
Morrerei e tu sobreviverás  
Mas mesmo morta estarei contigo.

Para o poeta, partícipe da organização da aludida publicação, Ubirajara Galli a cidade é um “Ser plural” (pág. 91), berço de sua trajetória literária-poética-historiográfica. Ouçamos sua louvação à cidade-mãe:

Goiânia me deu uma paixão  
que pariu filhos, netos  
e que me viu parir poemas,  
contos, crônicas, muita historiografia  
e adotar na pia batismal do gesto cães e gatos  
[...]  
Sobre nossas calçadas  
habita o tempo  
que nos construiu  
nos palmos dos dias...

A escritora Yêda Schmaltz (1941 - 2003) cantou a cidade que a acolheu desde tenra idade. Ela traçou, poeticamente, um convite e um trajeto sentimental para a capital do estado. Sob o título: “Goiânia – convite e roteiro” ela mostra ao mundo como “beber a primavera / que canta nos quatro cantos.” Ouçamos, então, o chamado de Schmaltz:

...vem a Goiânia em outubro  
podes vir o ano inteiro

Um Painel Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

mas eu profiro em outubro  
que em outubro a costureira  
natureza e silva só  
(parente do meu irmão)  
faz um vestido bordado  
com estrelas matutinas  
e florzinhas bem singelas  
pra vestir o meu torrão  
se não puderes em outubro  
podes vir o ano inteiro.

Para o poeta-pintor francês Yvan Avena (1930 - 2015) a vida “*não basta ser vivida, precisa ser sonhada*”, nas palavras de Mário Quintana. E Yvan viveu um sonho. Cidadão do mundo. Ele (e sua esposa Monique Avena) ao conhecer Goiânia se encantou, se aquietou aqui e transformou o nosso chão goiano, em seu endereço para o mundo. Sentia não ser mais jovem para usufruir mais tempo de nossa goianidade. Viveu em nosso meio mais de dez anos.

Yvan Avena, e os demais escritores aqui presentes, teve influência da poética da cidade em sua literatura. Cantou por se encantar com a metrópole que tão bem o recebeu. Sob o título “Feliz aniversário Goiânia” (pág. 95) o poeta discorre do espanto dos amigos franceses pela decisão de morar tão longe de sua cidade, Marselha, na França. Poeticamente o eu lírico canta:

Quando eu a conheci, eu pensei:  
‘É aqui que eu vou viver!’  
Meus amigos me diziam:  
‘É longe o Brasil!’  
Longe de que? Eu lhes respondia.  
Longe de tudo. Longe da tua infância,  
longe dos teus amigos, longe das  
tuas tradições!...

A matéria poética de Avena finaliza seu poema afirmando que:

Eles não entendiam a nossa escolha

Mas dentro de nós, nós sabíamos/o porquê!

Nós, também, sabemos os motivos que fizeram com que o casal Avena (Monique e Yvan) escolhesse a cidade de Goiânia para viver os últimos dias de sua vida: a amabilidade goianiense, as belezas desta terra, a gastronomia goiana, a arquitetura e mais...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Poesia, Nossos Clássicos*. Rio de Janeiro, Agir, 1976.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

GALLI, Ubirajara. BRITO, Elizabeth Caldeira (orgs.). *Goiânia 80 anos de poesia*. Goiânia: Kelps. 2013

GOMES, Horieste. *Memórias da Campininha*, Goiânia: Gráfica e Editora Talento, 2000.

LOURENÇO, Edival. *A Centopéia de Neon*. Goiânia: Criassã Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. *Naqueles morros depois da chuva*. Editora Hidra, 2011.

\_\_\_\_\_. *A caligrafia das eras*. Goiânia, GO: RF Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. *Poesia reunida*. Goiânia, GO: Editora Ex Machina, 2015.

LYNCE, Leo. *Leo Lynce Poesia quase completa*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

MARTINS, Tattiussa Costa. *Somos sertanejos? E por que não?! Goiânia para além do art déco*. Dissertação de Mestrado, PUC Goiás, 2006.

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3852/2/Tattiussa%20Costa%20Martins.pdf>

ORTENCIO, Bariani. *Crônicas*. Goiânia: Kelps, UCG, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1956

TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos Goianos I: A poesia em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sociologia goiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / I N L, 1982.

[https://www.cesjf.br/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/Numero%2016/06\\_GILBERTO\\_\\_VM\\_1\\_2\\_010.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/06_GILBERTO__VM_1_2_010.pdf)

TELES, José Mendonça. *Eu te vejo, Goiânia! Painel Memória Goianiense*. Goiânia: Kelps, 2005.

\_\_\_\_\_. *Poemas do entardecer*. Goiânia: Kelps, 2012.

VEIGA, José J. *Sombras de reis barbudos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Um Painele Art Déco na Literatura Goianiense na Década de 1930 e 1940 e Influência da Poética da Cidade na Literatura

Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Maria de Fátima Gonçalves Lima

\_\_\_\_\_. *Os pecados da tribo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

\_\_\_\_\_. *Cavalinhos de Platiplanto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. *A hora dos ruminantes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

\_\_\_\_\_. *Aquele mundo de vasabarro*s. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.